



neil young
COMES A TIME

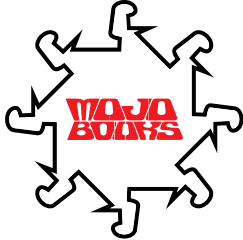


recontado por CEL

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

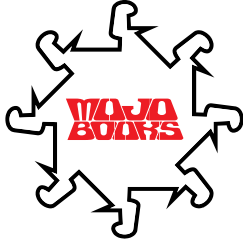
Danilo Corci
organizador



VOLUME 8

COMES A TIME
neil young

recontado por **CEL**



VOLUME 8

COMES A TIME neil young

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

projeto gráfico e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Janeiro de 2007

I.

Eduardo abriu a caixinha com as duas alianças. Outra praça, outra cidade, as mesmas pessoas. Outro tempo.

Clara sorriu. Clara sorriu com a alma. Mas, dessa vez, ela quis fazer diferente:

— Você quer se casar comigo, Eduardo?

Ele sorriu sob o céu azul da serra. Um azul de sonho.

Não precisou responder.

* * *

O ônibus parou na rodoviária de Juiz de Fora. Eduardo ouvia Neil Young no modo aleatório do *iPod*, e espantava-se com o fato de, entre mais de mil músicas, o destino dos aparelhos eletrônicos apresentar justamente *Lotta Love* como canção de boas-vindas para ele. Pegou a bolsa de roupas e desceu, sentindo a diferença de temperatura quando saiu do ônibus. Procurou por algum cartaz ou catálogo que fizesse referência ao bairro que procurava, mas resolveu arriscar um táxi.

Após ouvir o endereço de destino, o taxista foi logo avisando:

— Sai trinta reais.

— O quê? Trinta reais? E o taxímetro? É enfeito?

— Não, moço – o homem responde — Aqui nós cobramos pelo bairro. Se o senhor quiser ir a um bairro “x”, o preço é “x”. Se quer ir ao bairro “y”, o preço é “y”, e por aí vai.

Eduardo entendeu a lógica, mas discordou.

Mais tarde, na portaria do prédio, ele sentiu uma onda gelada varrer-lhe o estômago. Lembrou-se de tudo. Lembrou-se de que agora a vida era apenas ele, de que dele dependiam seus passos e de que chegara o tempo de finalmente sossegar, parar e olhar para frente. Lembrou-se das músicas que celebravam a Revolução. Algumas com foco, outras sem foco. Outras ainda pregavam apenas mudança. Qual era o objetivo de mudar, afinal? Ali estava ele, fazendo sua revolução tardia, mas não se omitindo de procurar a mulher que amara, dentre todas que conhecera na vida, longe de casa, longe de tudo. A revolução era silenciosa e acontecia em atos simples, como tocar a campainha da sala que trazia o cartaz da ONG.

Uma moça abriu e ele anunciou:

— Boa tarde, eu poderia falar com a Clara?



— O senhor é da prefeitura? — perguntou a moça.

— Não, eu sou um — faltou-lhe o ar — amigo. Do Rio de Janeiro.

— Ah! — a moça soltou um suspiro de alívio. — A Clara não está. Ela volta hoje de Barbacena.


— Você tem previsão de horário? Ela volta pro escritório?

— Volta. Deve chegar lá pras cinco da tarde.

Eduardo agradeceu e recusou a oferta de esperar no escritório. Preferiu descer e dar algumas voltas no quarteirão enquanto Clara não aparecia.

Nas duas horas seguintes, os pensamentos mais enlouquecidos passaram pela mente dele. Clara casada. Clara viúva. Clara com quatro filhos. Clara com o mesmo rosto daquela noite de Ano Novo, há quase dez anos. Ao ver o movimento de pessoas na rua, Eduardo pensou nas multidões do mundo e no quanto as odiava. Sempre tivera fobia de multidão, mas enfrentaria uma batalha medieval para chegar até a moça. Algo semelhante com o que fizera no show do Neil Young, na Praia de Copacabana, na noite de Ano Novo, depois de ver Clara no meio das pessoas. Algo o puxou para perto dela, arrancou sua timidez e o jogou a quilômetros de distância. Ele só se lembrava dessas situações boas, do





encanto, do sorriso dela, da voz. Quase chegava a esquecer dos motivos que levaram os dois à separação. Ele a avistou no meio dos passantes que aguardavam o sinal vermelho para atravessar a rua onde estava o prédio. O tempo parecia não ter passado para Clara. Ainda era a mesma menina. Trazia uma pasta enorme nas mãos – o que não era um dado preciso, pois quase tudo é enorme perto dela. Tinha os cabelos presos, óculos de aro de metal e um semblante cansado. Ele não sabia a distância entre Juiz de Fora e Barbacena. Talvez fosse cansaço da viagem.

Por um instante, ele hesitou em abordá-la. Não poderia fazer isso no meio da rua, no meio das pessoas. Mas pensou que talvez fosse a melhor maneira. Ele se aproximou da calçada e viu os olhos da multidão. A multidão era Clara, e ele a olhou fixamente. Ela pareceu não notar sua presença, a princípio, mas à medida que finalmente atravessava a rua, os olhos se encontraram, depois de tanto tempo. O rosto dela foi lentamente se transformando numa máscara de choro. Choro forte e crescente. Ele só pôde abrir os braços para que ela pousasse em segurança. E Clara, mais uma vez, voou para aquele abraço tão conhecido, tão dela, tão dele, tão acolhedor, capaz de dar conta do mundo, pelo menos do mundo dela.

volveu o olhar com olhos vermelhos e óculos embaçados. Ele tirou-lhe os óculos. Ela só conseguiu falar:

— Eu morri por você. Eu morri por você.

— Eu sobrevivi pra você – foi o que ele respondeu. — Eu voltei pra você.

Ela chorava alto, na rua, rosto encostado no peito dele, o mesmo de sempre. O mesmo que tanto fizera falta a ela, cuja ausência tanto a deixava desabrigada do mundo.


— A gente tem muito o que conversar – ele disse, engasgado.

— Eu sei, mas não quero sair mais do abraço. Você me leva assim até o escritório? — ela sorriu, ainda chorando.

— Levo. Levo você para qualquer lugar – ele respondeu, erguendo-a do solo como tantas vezes fizera. E nunca fora tão fácil levar a moça de volta. Simplesmente de volta.



II.



Eduardo deixou sua vida de analista de mercado em São Paulo para trás. Fez uma pequena fortuna comprando e vendendo ações, lucrando com o vaivém do mercado financeiro. Como diziam os velhos mestres do *blues*, à medida que fazia mais dinheiro, perdia um pouco da alma. Suas cicatrizes aumentavam, sentia falta dele mesmo. Voltar para Petrópolis, onde nascera e passara a maior parte do tempo até a adolescência, era o que ele podia chamar de ironia. Nunca pensou em morar na cidade, quase sempre viveu em Copacabana; mas a pequena casa no bairro do Bingen permaneceu firme ao longo do tempo. Lembrava de seu avô dizendo a ele:

— Um dia você vai morar aqui. E vai viver feliz.

O velho coronel aviador estava certo. E ele quase podia vê-lo naquele céu azul, voando pelas nuvens, guardando os passos do neto. Eduardo quase podia sentir.

Mudaria para Petrópolis para sempre, aplicaria o dinheiro no banco, abriria um escritório de consultoria financeira e permaneceria ali, vendo o tempo passar pela janela.

Clara vinha à sua mente com frequência. Por que o casamento dos dois fracassara? Por que eles se perderam na vida? Por que a vida se perdera deles? Os anos que viveram juntos foram o oposto do que eles sempre sonharam. Como puderam errar tanto nos sonhos? Era uma teoria que ele gostava de cultivar: sonhos não erram. Depois do fim de seu casamento com Clara, Eduardo partiu para São Paulo, recém-formado. Viveu na casa de uma tia, em São Bernardo do Campo, até se estabelecer. Teve alguns romances, mas nada para a alma. Se lhe fosse concedido um desejo de lâmpada mágica, Eduardo gostaria de voltar ao dia em que a mudança de Clara deixou o apartamento que alugavam em Copacabana. Ele se levantaria do sofá, interromperia o trabalho dos funcionários da companhia, e diria:

— Chega! Esta merda está toda errada! Clara, vamos ficar juntos! Eu te amo.

Ele nunca fez isso. Ele a viu partir, chorando, miúda, frágil, quase tropeçando pelas escadas. Nunca mais a viu. Sabia dela pela Internet, procurando o nome em sites de busca quase todo dia. Descobriu que ela era uma arquiteta restauradora, que fazia parte de uma ONG e que morava em Juiz de Fora, a uma hora e meia de viagem de Petrópolis. Talvez seu inconsciente o tenha levado de volta a essas duas casas, a da infância e a da maturidade, numa só tacada.



Mas ele ainda não estava pronto. Precisava de um pouco mais de coragem para rever a moça. Além disso, precisava de sorte, pois Clara poderia estar casada, feliz, vivendo sua vida. O destino poderia ser irônico a ponto de dar a ele a chance de revê-la apenas para que tivesse a certeza de que ela conseguira e ele não.

De qualquer forma, Eduardo tinha o endereço do escritório da ONG, no bairro Alto da Posse, em Juiz de Fora. Ele nunca havia estado na cidade antes, mas quem sobrevive ao pandemônio de São Paulo não deve ter muita dificuldade em achar um bairro numa cidade do interior de Minas.

* * *

Depois de tantas curvas, que quase o deixaram tonto, Eduardo olhou para a reta que se estendia até onde a vista perdia a referência entre ar e sólido, entre solidão e respiração. Não importava. Tudo o que ele queria era atingir o fim da reta que levava até a entrada da cidade. Já podia divisar as primeiras provas inequívocas de civilização, fosse no aumento do fluxo de carros vindo no sentido contrário ou nas pequenas barracas de fruta dos dois lados da pista.



Passou pelo contorno e alcançou as ruas de paralelepípedo sorrindo. Sentiu conforto na trepidação que a suspensão da moto não conseguia aplacar de jeito algum. Nada de suavidade na volta, nada de sutilezas na ida. E se na volta o trepidar do velho chão da cidade o alertava que a auto-estrada humana havia ficado para trás, ele já não se importava com quase nada. O que mais queria era avistar a esquina, o portão da casa, desligar o motor que funcionara em alta rotação por tanto tempo.

Eduardo levantou o capacete e enxergou o comércio iniciando suas atividades naquela manhã fria e sem chuva. Viu as pequenas lojas do Centro abrindo portas, um entregador descarregando legumes e frutas na quitanda do velho Percival, que ainda era capaz de barganhar o preço com o atravessador. Lá estava o velho, gesticulando para o motorista da velha Kombi.

Parecia uma volta no tempo. Calçadas, pessoas, roupas, carros, tudo estava muito semelhante ao dia em que ele havia partido em direção à auto-estrada e ao mundo. Não olhou pra trás então e não olharia pra trás agora, na volta para casa. Não lembrava o quanto estivera ausente. O tempo talvez quisesse conceder-lhe um afago, colocando a cidade envolta em mantos de um momento que lhe era familiar. Algo que o faria, talvez, enxergar-se passando na mesma moto, na rua paralela, na direção



do mundo, a qualquer momento. Talvez ele percebesse que o mundo e a cidade giravam em rotações menos parecidas do que ele poderia supor. Algo em seu interior lhe dizia para reduzir a velocidade da moto cada vez mais, para jogar seu capacete na rua, pois ali sua cabeça e corpo estariam seguros para sempre. Algo lhe dizia que poderia, enfim, sossegar.

O velho cinema, onde pegara na mão de sua primeira namorada, não existia mais. Em seu lugar, uma loja de calçados. Agradeceu mentalmente não estar ali para testemunhar a transmigração da alma de um prédio tão querido. A loja era bonita, mas parecia um sinal de invasão, uma prótese em quem não precisa nem de bengala. As pessoas andando pela calçada não pareciam notar, mas o velho Cine Baronesa caía muito melhor na geografia da rua. Eduardo deu de ombros diante do inevitável progresso das coisas.

Seria por causa dessas inexplicáveis nuances da vida que ele voltava agora pra casa? Ansiava por isso desde os primeiros dias fora dali, mas nunca se dera conta claramente. Agora não poderia pensar em nada que não fosse estar ali. Não havia arrependimento, não era saudade. Era certeza. Ele notava que seus olhos agora eram dotados de lentes de sabedoria, cravejadas com pó e poeira das estradas, da vida e do mundo; tudo isso se



fundia numa só tempestade de areia. Com as lentes era possível ver a alma da cidade e das pessoas que iam e vinham na calçada. Era algo que, antes, ele só poderia ter visto usando a intuição. Era como se corpo desse sinais de que podemos pensar por nós mesmos e abandonar o velho kit de sobrevivência herdado do tempo das cavernas, que ainda nos equipa, num gene qualquer, meio deixado em segundo plano.

Ele virou a esquina da rua e avistou a velha casa. Parou a moto perto do meio-fio e respirou fundo. Era ar puro, ar de árvores centenárias que ainda insistiam em atingir o céu e ornamentar as janelas e a vista para a rua com verde e frutos coloridos. Passarinhos brincavam e gorjeavam por folhas e galhos. Eduardo saltou da moto, pisando na calçada onde brincava quando criança. Uma nova camada de cimento disfarçava as linhas do campo de futebol imaginário em que desfilavam os times de botão dos garotos da rua

Lembrou-se de Aline no apartamento em São Paulo. Ela estaria acordando no meio do nada. Eduardo se fora, afinal. Ele se cansara. Ele não a amava. Pensou na bagunça do quarto, nas roupas cheias de detalhes prateados que ela usara na noite anterior. No quanto aquilo o cansava. Ele pagaria o aluguel diretamente ao proprietário, mais tarde, quando chegasse em casa.



Pensou no quanto gostaria de rever as meninas que brincavam com bonecas Suzi na mesma calçada. Era como se esperassem os meninos voltarem da guerra para recebê-los, num misto de paixão e confusão, algo tão comum nos romances que vivemos aos dez, onze anos. Lembrou-se de Adriana; loura, olhos azuis. Ela com doze, ele com dez. Ele jogando bola e ela o guardando de longe, como o anjo que parecia.

Um dia ela o levou para o sofá da sala da casa dela, numa tarde em que seus pais estavam ausentes. Ficaram folheando uma velha revista *Manchete*. Ela lhe deu um beijo no rosto e outro quase na boca. Bateu na trave. Ele não entendeu o porquê do aumento do volume entre as pernas, do coração acelerado e das palavras que saíam como cavalos, saltando num prado, indomáveis. Não entendeu o que era aquilo e quase repeliu o carinho da menina, tamanho o susto. Era um afago que não vinha de seus pais e avós.

Aliás, seria estranho entrar na casa deles agora vazia. Ele não viera para os funerais. Nenhum dos quatro. Apenas recebera a papelada do inventário do velho imóvel, que tinha passado para o seu nome. Pensou que sua vida seria melhor com irmãos por perto, mas acabou por se acostumar a empreender jornadas sozinho.



Andou até o portão da casa e olhou para dentro, em busca dele mesmo. E quase viu o menino que olhava o portão em busca sabe-deus-o-quê. Ele sempre olhava do portão para rua, não porque algum carro passava fazendo barulho ou porque o sorveteiro anunciava sua chegada com a corneta. Ele sempre olhava aquele portão de dentro para fora e, talvez pela segunda ou terceira vez na vida, estava fazendo a mesma coisa em sentido contrário.

Abriu o portão enferrujado e olhou para a velha casa. Sentiu um misto de felicidade e vazio ao ver o pequeno quintal calçado, o qual servia de garagem para a velha Brasília branca do avô, na qual ele aprendera a dirigir. Depois de colocar a moto para dentro e fazer a primeira checagem na casa, pensou no que faria agora que finalmente tinha voltado.





— Este é o papel definitivo?

— Sim, Sr. Eduardo. Esta é a escritura da casa. Aqui estão os carnês pagos do IPTU e o Registro Geral de Imóveis. Tudo em dia — disse o tabelião.

Eduardo colocou os papéis numa pasta, olhou para o velho atrás da mesa do cartório e disse:

— Esta casa é meu maior tesouro.

— O senhor pode se mudar quando quiser – sorriu o tabelião. — O inventário está concluído, o senhor era o único herdeiro. A documentação foi enviada pelo seu advogado diretamente da comarca de Petrópolis. Está tudo em paz.

Eduardo não voltou mais para o apartamento na Rua Bela Cintra. Sua moto, estacionada em frente ao prédio onde funcionava o cartório, na Avenida Paulista, estava carregado com uma pequena mala com seus pertences mais imediatos e uma muda de roupa. Ele partiu sem olhar para trás.



— Olha, eu não procuro por ninguém. Eu não quero mais dividir minha vida com outra pessoa. Não quero ter filhos, não quero ter pais, não quero ter nada que me prenda a nada. Eu não quero sentir saudade de 1999, não quero pensar que eu era feliz e não sabia. Não quero lembrar do tempo em que não tinha culpa de nada. Não quero estar grávida, não quero ser estéril; e não quero ter de pentear meu cabelo todos os dias. Eu não quero olheiras, não quero ressaca, não quero larica. Eu não quero paz, não quero mais bater no meu cachorro, não quero mais olhar para o chão e medir mentalmente a distância da minha janela até ele. Eu não quero me suicidar num apartamento de fundos porque eu preciso que todos vejam que estou caindo, caindo, caindo até me espatifar no chão - de preferência em cima de algum idiota que esteja passando na hora. Quero ter um carro para andar pela orla, mesmo que não saiba dirigir. Não quero ter um milhão de amigos, não quero conhecer a capital da Escócia, que eu acho que é Glasgow. Eu não quero ouvir Sermão da Montanha nem sermão da minha mãe. Eu e minha mãe não nos damos bem. Ela me culpa e eu a culpo. Por tudo. Ela é um fracasso como mãe e eu sou um fracasso como filha. Os dois deviam se anular, mas não. Ela adora se fazer de vítima, dizer que a dor dela é maior, que a mágoa dela é mais intensa, que a





tristeza dela é a única justa e irremediável nesta porra de mundo azul. Eu não gosto de azul, eu gosto de lilás. E eu não tenho nada lilás para colocar na atmosfera e fazer a cor das coisas mudar. E eu detesto aquela música do Djavan que se chama *Lilás*. Eu não quero mais conversar com meu vizinho, não quero mais bater à porta da casa dele querendo encontrar o Santo Graal dos meus sentimentos. Eu não tenho sentimentos, eu quero ser como um vulcano, como uma pedra que cria limo. Eu não quero mais me mover, eu não quero ir pra lá nem pra cá. Quero ficar parada, olhando as pessoas passando na rua, imaginando por que a porra do meu apartamento não tem vista pra porra da rua em que eu moro. Eu não vejo os carros. Eu intuo carros, ônibus, crianças de uniforme passando pela calçada e voltando pra casa, em trânsito no meio dos adultos. Eu não sou adulta, não sou puta, não sou brega, não sou nada. Eu sou transparente, uma impressão, um resto de toco, o fim do caminho, uma festa da cumeeira que não teve gente porque choveu. E eu sou uma cumeeira bem pequena. Aliás, descobri no dicionário que “cumeeira” é o nome que se dá a viga que sustenta a armação dos telhados das casas. E que os índios, portugueses, negros, sei lá, esses merdas dos século XIX, comemoravam quando erguiam uma casa e quando a porra da cumeeira era colocada. Eu não gosto de folclore. Queria ter

nascido em Nova York, queria ser namorada do Wolverine, queria ser uma mutante com poderes mágicos para morrer e voltar. Eu queria morrer todo dia, queria ser vilã. Eu queria ser cambista na entrada do Céu; queria cutucar as pessoas de um lado e aparecer do outro dizendo: “te peguei, idiota!”. Eu queria chorar, eu queria sorrir, eu queria dormir. Tudo ao mesmo tempo. Eu queria correr pela areia sem parecer alguém que está se exercitando. Eu queria voar sobre a areia da praia de Copacabana, numa noite de Ano Novo cheia de gente querida por perto. Gente que me entende, que gosta de mim. Você entende isso?

Maria Helena olhou para a menina quase exausta. Ela bebia um pouco de água do copo descartável. Clara havia dito tudo aquilo num só fôlego. Era bom quando isso acontecia.

— Eu entendo. Você entende? — ela perguntou para Clara, que já estava novamente no sofá, olhando em sua direção.

— Eu? Eu não entendo porra nenhuma. Se entendesse, não estava aqui.

“Sim, isso é meio óbvio”, Maria Helena pensou, mas precisava de uma pequena reviravolta naquilo, e logo!, pois a hora dela já estava acabando.

— Quando você diz que quer e não quer ser essas coisas

todas, você na verdade está falando que as conhece o bastante para saber ser ou não ser e...

— Ser ou não ser? Essa é a questão? Vou chamar Shakespeare para vir me analisar. Olha, Maria Helena, acho que a nossa hora acabou por hoje, né? — Clara estava realmente irritada.

— Sim, acabou — respondeu a terapeuta com um certo alívio.

Clara levantou-se, catou sua carteira na bolsa e retirou o valor da sessão, colocando-o na mesa do consultório. Por um instante, ela olhou para o chão e pensou que Maria Helena não era culpada de nada do que havia sido dito ali. Mas, ora, ela deveria saber disso!

— Até a semana que vem — disse Maria Helena estendendo a mão.

Clara olhou para o cumprimento de mão e resolveu ser mais afetuosa, pelo menos naquele dia.

— Até! — Clara deu um beijo no rosto da terapeuta, para logo depois rumar em direção aos elevadores.

* * *



Eu poderia dizer, com quase toda a certeza, que essa minha morte começou com o fim dos sons. Um dia olhei para a estante de discos e não vi mais sentido neles. Foi bom notar que estavam ali meus momentos mais íntimos, todos eles devidamente convertidos em discos, músicas e até capas e encartes. A estante, algo de Borges numa banda *powerpop* tocando Beatles, podia ser considerada a minha vida. Mas quando ela parou de fornecer som para meus ouvidos, a primeira analogia que me arrombou a porta da mente foi a de que não havia mais ar para os pulmões. Pulmões de fato. A surdez metafórica era a asfixia das minhas coisas como um todo. Nada poderia ser pior que isso. Ao ver a estante acumulando poeira, depois de um passado tão movimentado, percebi que, sim, as coisas estavam perto de um fim.

Contudo, claro, ninguém morre por isso. A morte vagarosa de que falo teve um início em algum ponto do caminho, o qual foi ficando irritantemente tortuoso. E, seguindo a tradição, as grandes coisas acontecem sem aviso. A minha morte aconteceu num desses dias, igual a tantos outros. O início da morte, pois morrer demora um tempo. A última batida do coração é um evento singular que encerra um longo e burocrático processo de despedida. Pode parecer clichê, mas é isso mesmo. Se você não é



morto por arma, atropelamento e outros eventos imponderáveis, sua morte é um processo lento e demorado. Nesse período, sua alma vai arrumando as malas e reservando um lugar no destino bem antes do último tuntz do coração.

Antes, eu chegava em casa e colocava algum tipo de som. Sempre havia música envolvendo o lugar onde eu estava. Era como desfilar com as minhas bandeiras num país estranho. As músicas, as lembranças e eu éramos uma só coisa.

Percebi que era hora de me entocar em casa, longe do contato humano, quando passei a não desejar o bem alheio. Ora, nada de surpresa nisso. A gente tem inveja o tempo todo de muitas coisas, de pessoas, de momentos felizes. Nosso contador de momentos bons começa a se encher de teias de aranha e, com um sentimento tipicamente humano, passamos a não querer mais que os outros sejam felizes. Aliás, não é bem assim. Eu nunca desejei mal a ninguém na minha vida. Pode parecer estranho, mas é verdade. Mas também parei de querer bem do próximo. Não fiquem mal, mas, porra, não fiquem tão bem assim perto de mim! Vão ficar felizes lá longe, fora do alcance da minha vista. Ao longo do dia, principalmente no trabalho, era comum me irritar com a felicidade ignorante das pessoas. Todos fodidos, excluídos, e, ainda assim, felizes. Churrasco no fim de semana. Bebida e

pegação. Todo mundo pegando todo mundo. E eu? Eu não tenho ninguém desde que o Eduardo e eu nos separamos. Não queria mesmo. Ou me explicava assim. Com minhas amizades reduzidas ao mínimo permitido, passei a ser, de fato, uma mulher solitária e nada solidária. Minha boa-fé e minha tolerância sumiram. Eu passei a querer ser ignorante para não sofrer. “Bem aventurados os pobres de espírito”, não é? Pois sim, eu queria a bem-aventurança de não saber nada. Os dias seriam uma interminável sucessão de acontecimentos estritamente casuais. Viva o acaso! Viva o destino! Fora com as nossas escolhas! Fora com o nosso bedelho! Que tudo seja mera casualidade.

Desejei isso por muito tempo. Entreguei os pontos do meu jogo. Era eu contra o mundo. E, claro, eu perdi. Talvez eu tenha apostado acreditando no acaso. Sim, contradições. Tornei-me um poço cheio delas. Foda-se. Eu não me importava.

Não levei mais minha alma para passear, para o parque ou o cinema. Minha alma se calou. E eu, claro, me calei também. Não quero mais escrever. Quero que vocês leiam e olhem pra mim, lá embaixo, e pensem no que me fizeram e no que me deixaram fazer.

* * *

COMES
A TIME



Clara olhou para o pedaço de papel e achou tudo aquilo desnecessário e chato. Sobreveio um terrível arrependimento de estar naquele quarto de hotel na Avenida Copacabana, com a janela aberta, longe o bastante do chão para que não ouvisse o barulho de carros e ônibus. Achou ridículo. Para que se matar? Para que deixar um bilhete desses? E por que o celular estava ali, ligado, ainda à espera de uma ligação de alguém?

Deitou-se na cama, olhando sua própria imagem refletida no espelho do teto. Aquilo parecia um motel de quinta. Lembrou-se da recepcionista ao olhar para ela, sozinha, pedindo um quarto. Lembrou do caminho até ali. Lembrou de muita gente. E dormiu.

* * *

A saudade que Clara sentia de Eduardo era maior do que uma mera lembrança. Há vários graus de lembrança. O mais intenso pode fazer chorar. Ela lembrou de situações quando pensou ter ouvido a voz dele, tamanha a intensidade da memória. E há a lembrança confortável, que dura pouco e machuca quase nada, que serve apenas para alertar que aquela pessoa já existiu em sua vida. No caso de Clara, as lembranças de Eduardo nunca



eram leves, simples ou confortáveis. Era quase uma possessão demoníaca, uma perda dos sentidos. O cérebro parece uma grande *jukebox* nessas horas. Do repertório de compactos que rodam pelas células nervosas, o acaso ou uma vontade inconsciente de expiar culpas com sofrimentos barra-pesada escolhe justo o maior *hit*. Aquela lembrança que vai te fazer chorar. No caso dela, todas a incomodavam no sentido lacrimogênio do termo, mas o maior *hit*, a melodia dourada da lembrança, era o dia em que ele fora embora. Na verdade, foi o dia em que eles foram embora um do outro. Apartamento vazio, verdades esmigalhadas como torta de comédia pastelão, a mudança se instalava. Metade das coisas do apartamento partiriam para a casa dele. A outra iria para a casa da mãe de Clara. E, sabe Deus por que, a parte dela saiu antes. Não sei se você já presenciou isso, mas o fim da uma casa é algo comparável aos ritos de passagem clássicos. A gente sofre, se transforma, se perde, se confunde, se percebe. Chora. E muito. Todas as coisas passavam na frente de Clara, levadas pelos funcionários da companhia de mudança, cujo nome a mente dela bloqueou. Mas era um nome de santo. Seguiam também, na mesma romaria, seu coração, seu respeito, seu choro. Tudo levado da casa que pareceu ser dela. E dele. Clara, como um animal enjaulado, ia de um lado a outro do apartamento, como quem



não aceita que aquilo tudo ficou tão vazio de um minuto pro outro. Cadê a cama? Cadê o armário? Cadê o amor? Cadê as brincadeiras, os bichos de pelúcia, as noites com pipoca na frente do DVD, as noites de amor no quarto? Ela não entendia. Abria o armário do banheiro, onde ficava a ausente roupa de banho, toalhas, coisas assim. O cheiro do amaciante e do sabão em pó da última lavada da também ausente máquina de lavar. Ficou cada vez mais confusa com a ausência de tudo. Ausência dele. De Eduardo na sala, no sofá azul, olhando pro chão e pensando em deus-sabe-o-quê.

— Moça, as coisas já estão no caminhão – disse o encarregado da mudança, encostado na porta.

Ele precisou repetir a frase três vezes até ela acordar:

— Ah, sim. Já estou descendo.

Era a última vez. Um lance de escada e ela veria a rua pela última vez. E, como se fosse inversamente ensaiado, seu romance, seu amor, meu namoro, sua visão de sonho, seu mundo, seu tudo, ficaram naquela sala vazia. O máximo que conseguiu dizer, após erguer a cabeça do chão, foi:

— Tchau, Eduardo.

Disse isso e saiu, chorando, rumo a um futuro que nunca pareceu tão sombrio e, claro, distante.

IV

— Quer casar comigo?

O espelho não respondeu, mas revelou que uma das sobranceiras parecia mais elevada que a outra. Ele a ajeitou e novamente encarou seu próprio rosto:

— Quer ou não quer casar comigo?

Agora parecia estar no ponto. Claro que não! Ele ensaiava o que não cabia em qualquer simulação. Teria de deixar o coração falar; teria de se despir de todo orgulho - o maior inimigo do amor desde sempre.

Ele arrumou a camisa, ajeitou a gola. Verificou o cabelo, os dentes. Estava tudo quase perfeito. Pegou as chaves de casa, do carro, da vida dele. Pensou que quase tudo de mais importante podia caber em seu bolso naquele momento. O anel. Estava separado na pequena caixa sobre a mesa desde o início da tarde. Colocou no bolso do paletó e saiu.

Os carros na avenida não imaginavam que ele ia em direção a ela, num caminho que poderia ser o mais definitivo de todos que já trilhou na vida. Seria decente se pequenas luzes



indicassem as ruas e correções de rumo que ele devia tomar para chegar até a casa dela. O caminho, tantas vezes percorrido ao longo daqueles dois anos de namoro, não poderia ser mais familiar. Ele a conhecera antes de ter um carro e fizera o trajeto várias vezes de ônibus. A primeira travessia no carro branco foi ao lado dela, num dia glorioso. Agora, ele e o carro, quase um só, percorriam a última de uma série de idas e vindas. Quando ele voltasse, naquele mesmo dia, já voltaria noivo. Voltaria flutuando, talvez sem carro, talvez sem peso, talvez mais alto do que pensara em seus maiores e melhores devaneios.

Clara o recebeu na entrada do prédio. Sempre assim, desde que começaram a namorar naquela noite de Ano Novo. O abraço dele a escondia do mundo. Olhando de fora, parecia uma pessoa abraçando o nada. Ela, corpo de bailarina, saía toda desalinhada dos abraços dele.

Ele estava lindo, curiosamente mais arrumado que o normal:

— Você tá bem? — ele perguntou.

— Eu tô. Por que você tá todo arrumadão? Nós vamos a algum lugar depois do jantar?

— Quem sabe? — ele sorriu enigmaticamente.

Ela não entendeu. Não haviam combinado nada. Eduar-

do jantava com ela e a família uma vez por semana, e ele gostava. Comentava os gols da rodada com o pai e o irmão dela, depois conversava um pouco sobre tudo. No fim da noite, desciam para passear na pracinha da Tijuca ou voltavam no dia seguinte, após passarem a noite juntos.

O jantar transcorreu na mais completa normalidade. Se Clara não o conhecesse bem, diria que era mais um dia qualquer. Mas Eduardo estava um pouco mais vermelho que o normal, meio agitado. Sua mão suave. Quando entendeu o que ele poderia estar tramando, estremeceu por dentro e rezou para estar certa.

Depois, andando na praça, Clara olhou para ele e disparou:

— O que está acontecendo? Você sabe que não consegue esconder nada de mim e que eu quase vejo dentro de você. Não vai me contar?

Eduardo engoliu em seco e resolveu que precisava falar logo. Aguardara a noite toda uma brecha:

— Clara, eu estou nervoso. Quero conversar com você, — ele disse, fazendo sinal para que se sentassem num banco.

Ela olhou para ele por trás das lentes dos óculos. Estava nervosa.



— Você acredita que a vida das pessoas possa ser plenamente feliz? — perguntou Eduardo já esperando a resposta,

— Claro, ué. Acredito. É pra isso que estamos aqui, não é?

— Mas o que a gente faz quando parece que já encontrou o que precisava achar, quando já se sente feliz e completo?

Ela sorriu. Intuiu.

— A gente aproveita? — perguntou como quem levanta a bola na área para o artilheiro fazer o gol da final.

— E como a gente aproveita? Tem alguma idéia? — ele sorriu, nervoso.

— Eu acho, — ela disse — acho que você vai me dizer isso nos próximos instantes.

Ele pegou a pequena caixa do bolso e colocou nas mãos dela.

— Quer?

Clara sentiu os óculos embaçando e lágrimas rolando. Ainda teve tempo de brincar com ele:

— Não falta completar a frase?

Ele olhou para as mãos miúdas dela, que seguravam

a caixa com as duas alianças dentro. Tremiam como se fossem o epicentro de um terremoto que atingia a ambos.

— Quer casar comigo, Clara? — a frase saiu de uma vez.


Ela não precisou responder.

* * *

Eduardo detestava multidões. Eram uma espécie de retorno do ser humano a um estado animalesco coletivo do qual ele tinha medo. Multidões eram imprevisíveis. Você poderia criar Woodstock ou Altamont. Ou um grande meio-termo, com paz e porrada. A areia e o cansaço o dominavam, mas quando ele podia ter imaginado estar num show do Neil Young na Praia de Copacabana? E quando ele poderia imaginar que ficaria tão próximo ao palco, tendo se guiado apenas por aquela menina de óculos que estava logo à sua frente? Ela era linda, pequena e parecia fã do canadense, assim como ele. Ela cantava cada música, olhava pro céu, quase chorava. Claro que não o notou em meio à turba de gente, mas ele a notara. Aos poucos se aproximou dela.

Neil Young olhou para o público em delírio diante do palco. Olhou para longe, até onde a vista alcançava, além das





luzes, e a platéia se fundia ao breu da noite de verão. Ele não imaginaria que seu trabalho seria lembrado por alguém do Rio de Janeiro para coroar a entrada de um novo ano. Claro, ele já tinha visto cenas dos fogos de artifício na orla de Copacabana pela televisão, e sempre achara mais bonitas que a cena da bolota caindo em Times Square. Ele pensou nisso por frações de segundo. Olhou para Pegi, sua esposa, no meio das *backing vocals*, e viu sua alegria diante do povo em êxtase. Olhou para os músicos, acenou com a cabeça para si mesmo, mais jovem, em algum lugar daquele palco, anos antes, muito longe dali.

O *setlist* do *show*, preso ao chão com fita crepe, mostrava que ele deveria tocar uma canção do novo disco. A mesma relação de canções estava com seus músicos, mas ele resolveu mudar. A ocasião pedia algo mais doce, suave, que ele pudesse ouvir e fazer com que o coração das pessoas percebesse. Deixou a Gibson preta no suporte e viu Stan, seu *roadie*, correr para não perder os ajustes de timbre, feitos à tarde. Neil sentou-se ao piano, inclinou o microfone em sua direção e falou para o público:

— Agora eu vou tocar uma canção de amor. Na verdade, é uma canção de amor para todos e para o mundo. Fala sobre como as coisas só podem funcionar se houver amor.

Algumas pessoas da banda se assustaram com a ines-

perada mudança, mas confiaram no que o velho Neil estava por fazer. Os primeiros acordes de Lotta Love, uma velha canção de 1978, foram ouvidos, e todos os músicos e vocalistas automaticamente sintonizaram suas mentes para acompanhar o homem. O povo acabava de soltar uma grande exclamação de felicidade. Dentre os gritos vindos da areia, Clara pode ter sido a campeã em decibéis. Seus óculos quase caíram. Era a sua música, a canção que seus pais cantavam pra ela dormir, bem baixinho. A primeira letra em inglês que aprendeu, ainda com a voz pequena de criança que sai do curso de idiomas com pasta e caderno com assinatura da professora. Chorou lágrimas de açúcar, de fel, de vodca, tudo ao mesmo tempo, enquanto perdia as últimas centelhas de voz ao tentar acompanhar o também rouco Neil Young, lá no meio do palco iluminado. O pessoal da faculdade, mesmo disperso na multidão, olhou para ela e gritou seu nome. Tornaram-se alvos fáceis de garrafas de plástico e copos de papel, arremessados pelo povo que queria ouvir.

— Nossa, você também gosta de *Lotta Love*?

Clara olhou para o rapaz de óculos, ao lado dela, gritando para ser ouvido.

— Gosto! Gosto muito!

— Eu amo essa música. Eu ouço desde quando era



muito pequeno; acho que foi a primeira música que aprendi a cantar em inglês! — disse o rapaz, tentando ser simpático.

Clara olhou para ele e viu que ele parecia sozinho na multidão. Talvez flutuasse sobre a maioria das pessoas. Talvez ela fosse muito miúda para ver que ele parecia realmente alto.

— Meus pais cantavam essa música para que eu dormisse! — ela gritou.

Eles perceberam ao mesmo tempo que perderam quase toda a canção naquele diálogo curto.

— Eu sou o Eduardo.

— Meu nome é Clara.

Eles se cumprimentaram. Viram o show acabar, a multidão aplaudir, se dispersar. Algo os manteve próximos, e não eram as vibrações do show ou a vontade de ver o primeiro raio de sol daquele primeiro de janeiro.

— Você mora na Tijuca, eu moro em Copacabana. Eu já morei na Tijuca e você em Copacabana. Eu nasci em Petrópolis, você em Juiz de Fora. Somos fãs de Neil Young, estudamos na UERJ. O que mais falta pra sermos um par quase perfeito?

Eduardo não era atirado assim, mas resolveu arriscar. Afinal de contas, encontrar uma menina linda daquelas em meio a um milhão de pessoas era algo sério demais para ser encarado

como mera coincidência.

Clara olhou pro chão. Sorriu. Ela não tinha resposta para aquele tipo de pergunta. Ela nem o conhecia. Mas algo estava acontecendo, e ela parecia à vontade para confiar nele.

- Eu vou achar que o seu sorriso é um quase sim – ele disse, olhando para as pessoas que ainda resistiam na areia, esperando o raiar do dia.

Ela corou. Ele viu.

FIM



COMES
A TIME

SOBRE O ÁLBUM

Comes A Time é um disco que pertence à família dos trabalhos folk de Neil Young, que tem em *Harvest* (1972), *Harvest Moon* (1992) e *Prairie Wind* (2005) seus mais ilustres representantes.

O álbum é o mais acessível que o canadense já compôs, trazendo a idéia de experimentar a paz que as revoluções almejam buscar. Young emergia de um período de confusão e raiva na época e

Comes A Time soa como um oásis no meio de discos furiosos (e maravilhosos) como *Zuma* e *On The Beach*, ao mesmo tempo em que sedimentava o terreno para o soberbo *Rust Never Sleeps* (lançado cerca de um ano depois). Além do indefectível *Crazy Horse* – banda de apoio de Neil – *Comes A Time* também traz convidados como J J Cale, Bem Keith e Nicolette Larson.

CRÉDITOS ORIGINAIS

COMES A TIME - NEIL YOUNG

Fotografia por Coley Coleman

Design por Tom Wilkes

Lançado em Outubro de 1978

Selo: Reprise / WEA

Produzido por Neil Young, Tim Mulligan, David Briggs e Ben Keith

Para mais informações sobre o cantor, visite:

www.neilyoung.com

SOBRE O AUTOR

Carlos Eduardo Lima tem 36 anos. É jornalista e escritor. Trabalha como editor assistente do portal *Rock Press*, foi colaborador da revista por dez anos. Tem textos publicados nos sites *Scream & Yell* e *Bacana* e está lançando seu primeiro livro, *Vestido de Flor*, pela Editora Vertical.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

8 COMES A TIME
NEIL YOUNG
PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. GOIN' BACK
2. COMES A TIME
3. LOOK OUT FOR MY LOVE
4. LOTTA LOVE
5. PEAC E OF MIND
6. HUMAN HIGHWAY
7. ALREADY ONE
8. FIELD OF OPPORTUNITY
9. MOTORCYCLE MAMA
10. FOUR STRONG WINDS

